

Trabalho de
Universidade

Univ. e Igreja

A FUNÇÃO DA TEOLOGIA NA SÍNTESE CULTURAL



Começo já por fazer um aviso: é de que pretendendo tratar este assunto mais pormenorizadamente-como ele merece-não o permitiram embora o tempo destinado e outros imperativos a atender, devendo-se assim cortar neste estudo por exemplo a argumentação do valor da Teologia para a formulação da nossa tese religiosa a apresentar no momento contemporaneo precisamente caracterizado em ser o de lutas de teses.

Vou construir e apresentar o meu edificio argumentador numa linha primeira e mais atraz do que aquela em que vós e eu, de facto, nos achamos. Pela pratica cheguei á conclusão de que esta posição de grande responsabilidade é a que melhor nos escuda contra aquilo a que se possa vir a chamar "apriorismos".

Assim me abstraio de que vou falar a cristãos e, mais que cristãos-ou cristãos em plénitude-a católicos.

Como Condillac formulou uma estátua sem sentidos para melhor explicar a pretensa veracidade do seu sistema, assim também vou valer-me de alguém a quem dirigir-me e que, com capacidade de tudo receber não esteja ainda iniciado em alguns principios inclusivè naqueles em que nós, católicos, (nos achamos) estamos e que constituem para um ateu o que ele chama "preconceitos". E previno ~~de~~ já também que ~~nesso~~ esse homem-neutro, tábula-raza, é um producto elaborado da intelligência pessoal, é uma construção hipotética e racional sem possível realidade integral na "res extensa": chamemos-lhe um "ser de razão"! É um conceito-limite e conceito-principio útil para a factura de deducções e construções que podem ser, todavia, logicas.

E não são alias, muitos principios formulas rígidas-nem sequer preceitos-que apenas servem para ~~talvez~~ talvez por motivos metodologicos e didaticos, se derivarem verdadeiros e mesmos legitimos corolarios objectivos?

Assim fica esta comunicação mais acessivel a todos de dentro e fora desta sala e talvez esta fizesse a torne por isso menos acerosa ^{que, usando a expressão tao que- nela a Council, faz a "resença de superior"}

Senão fosse mesmo este metodo facil era chegar já e sem mais delongas ao escopo que me propunha atingir. Não é por acaso verdade que somos catolicos -e aqui não vai propriamente uma exigencia de integralidade mas basta uma comozinha denominação? Logo, precisamos do estudo da Teologia para a formação de uma cultura naturalmente catolica. E esta exige-a para o ser plenamente. Uma qualquer cultura religiosa não pode excusar o estudo de Deus, a Finalidade de todo o seu labor, a parte teleologica-digamos-dessa mesma doutrina e a sua razão óntica. E grande é a sua função pois que dá ao catolico forma de ser catolica: forma de ser o que é. É evidente como axioma, mas também é pesado como axioma, que é sempre dogmatico. E aqui chegados rapidamente atingimos o "quod erat demonstrandum", porquanto tudo o mais que nestas lindas se diga não pode passar de retundância e hiperbole.

Mas, precisamente o próprio tema que me foi distrábuído, requer maior amplitude e universalidade. "Função da Teologia na síntese cultural"!

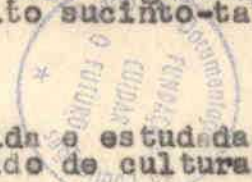
Eis aqui um quadro que engloba ou integra toda a actividade cultural do Homem; católico ou agnóstico, protestante ou buda, chinês ou europeu, negro ou amarelo! Para se tratar convenientemente (ou acitavelmente) este assunto tão vasto de interesses, e feitos e relações, é preciso ter-se em vista não um circunscrito e apertado auditorio de rapazes da A.C. de principios bem disciplinados, homogéneos e ortodoxos, mas um auditorio universal, de muita gente de principios heterogéneos e até heterodoxos, com os seus modos de pensar, os seus preconceitos, os seus sistemas, até os seus "quadros formais" do espirito! Mas isto onera por tal forma quem disto se ocupa, que mal pode avaliar-lhe o peso, quanto mais suportar-lhe o encargo. E é justamente o

caracter ecuménico da obrigatoriedade dos estudos teológicos pela magnitude da sua função, que eu quero de um modo muito esquemático e muito sucinto - talvez demasiadamente sucinto e esquemático - evidenciar aqui.

§

A questão da cultura é questão que foi, é, e será sempre debatida e estudada. Sempre debatida e estudada é mesmo a própria fixação do sentido de cultura. Depois o que ela é em si. Suas relações, por exemplo, com a vida e especialmente com a moral. Seu carácter relativo ou absoluto. Seus limites. Tudo isto são aspectos da sua problemática sempre em desvelado estudo. E compreende-se. Ela é uma das questões máximas de toda a nossa existência: Tanto na consideração que dela faça um religioso ao coloca-la como meio da compreensão de Deus, como na que dela faça o a-religioso (talvez seja mais acertado dizer o anti religioso) ao coloca-la no cume da hierarquia das preocupações humanas, porque facilmente é visível o grau ou força de humanidade que este assunto possui. O religioso diz: Pela Cultura vou até Deus e me ilustro na terra para melhor O servir. O seu adversário afirma: Pela cultura me elevo e talvez mesmo me transcendendo num superhumanismo nietzschiano, realizando em mim a definição de ser racional. É outro artigo da sua problemática. No primeiro caso a cultura é querida, julgada e tida em consideração por uma razão teleológica do Homem, no segundo em momentos de exaltação e explosão egolátrica. Em ambos todavia, tem ela um carácter absolutamente necitativo. Vou mais longe: Como o metabolismo é um imperativo vital, a cultura é um imperativo racional. A questão cultural é pois essencial e absolutamente humana. É como a plenitude do Homem está no momento em que " se perde em Deus", a plenitude da cultura está no momento em que conhece a Deus. É esta ordenação dos valores da cultura a sua ordenação natural, necessária e racional. Nada mais justo e sinteticamente expressivo do que a concepção medieval da subordinação da filosofia - a ancilla theologiae -. Visto até que a teologia é o continente de maior filosofia - e a historia nos mostra que o maior filosofo de todas as épocas é eminentemente o maior teologo - assim não é de espantar que a ciencia de Deus seja a ciencia de maior humanidade. Mas não vamos tão depressa, e aqui já se delineia algum esboço grandioso.

Qualquer que seja a ideia atribuida á palavra cultura, ou qualquer ideia que ela nos imprima (ainda na consideração, como alguns querem, de simples flatus vocis) nela sempre latejam caracteres essenciais de universalidade e de humanidade. Para alguns espiritos (Leonel França, Christopher Dawson) isto serão apenas indispensaveis elementos materiais da cultura formal. Eu vou mais longe e acho neles um quiddas da propria cultura. E parece que cada uma destas duas características completa a outra e a determina. A universalidade é efeito da sua humanidade, a humanidade corolario da sua universalidade. É uma aliança íntima, maravilhosamente simbiótica, cujo óvo devidamente fecundado, é precisamente a Cultura. Deste pressuposto facil é derivar que a cultura é - o mais plenamente quanto mais coesa for a aliança destes dois átomos da mesma molecula e maior a grandeza de cada um. São elementos duma eterna proporcionalida-



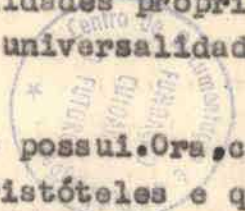
Fundação Cuidar o Futuro

de; semelhantemente ao que se dá com o latão cuja qualidade depende proporcionalmente da excelência ou não excelência do cobre e do zinco que o formam. É esta norma a lei das definições: uma coisa definida é-o tanto mais poderosamente quanto as partes definidoras o forem mais, na sua natureza. Deixando o campo das metáforas, desçamos-ou subamos-ao das realidades próprias. É importante notar esta carga e caracter imprescindível de universalidade e humanidade na cultura, logo veremos porquê.

Toda a cultura implica posse. Um individuo só é culto quando possui. Ora, como é da natureza humana aquela curiosidade de que falava Aristóteles e que é para a cultura o mesmo que o fantasma elaborado do nosso interior para o conhecimento das realidades que nos cercam-elemento intermedio e provocador-, e ainda, visto que todo o homem tem um intimo estado de anseio á realização da sua finalidade residente num absoluto de Bondade, Beleza e Verdade-imperativo da sua mesma humanidade e que Santo Agostinho tão belamente registou nas Confissões-daqui resulta, por notoria ilacção logica, que, primeiro essa cultura como posse que necessariamente é, é essencialmente humana, segundo, que tem uma universalidade estendida a todo o susceptivel de posse, universalidade que contribui para a satisfação dessa imensa vontade desde sempre impressa no ser humano. Parece-é lógico-que o ramo da cultura que melhor redizar este fim e contiver em maior quantidade e excelência estas duas características, seja ele o primeiro dos ramos da cultura e o de maior função para o homem. Das delicias isto, por agora, em suspenso.

Pretender obliterar do Homem essa potência referida e retirar-lhe tambem todos os meios aptos a satisfaze-lo na ânsia-digamos mesmo psicologica-de alargar os lindes do seu conhecimento com aqueles rasgos que Mill denominou "saltos para o desconhecido", é no primeiro caso uma estulticia, no segundo uma desumanidade. No campo da cultura tal acto correspondia á estagnação da mesma cultura ou até ao seu retrocesso. No homem que quer ser culto corresponde á sua impossibilitação, no que já o é, á sua negação.

E afinal, não é senão a universalidade da cultura, garantida pela sua humanidade, a causa do progresso. Entre a cultura e o homem existe uma coaptação-usando a terminologia tomista-para a realização do progresso. A cultura oferece ao Homem o estendal da sua universalidade, abre-lhe as veredas infinitas, que o sabio por seu turno desbravará. É um sistema de compensação sem perdas. Mas para segurança desta coaptação quasi contratual é preciso um ponto de acordo, uma comunhão ideal ou caracterologica que ambas as partes manifestem e encerrem, servindo de base ou fulcre, de "Angelpunkt" e ponto de partida para esse desbravamento de caminhos que oferece a universalidade da cultura. Esta essência é, a meu ver, a "humanidade".



Fundação Guadalupe

A Humanidade-"humanismo" deve ter outro significado-é uma ponte ou veio de ligação que aproxima o homem da cultura e infunde nesta uma ambiencia familiar ao estudioso,dada,propicia,que faz com este se interne sem receios e com confiança na vastidão virgem do agros da Cultura potencial-digamos-da Cultura a cultivar,e faz com que esta se adapte perfeitamente a si mesmo para se poder bem interiorizar.

A humanidade da cultura faz com que o homem se sinta,quando estuda,naquilo que é seu e que para si foi criado.Como crianças pequenas-passe a comparação!-é preciso isto para não ter medo.E é isto ás vezes o selo da propria autoria.Pode até comparar-se a humanidade na cultura á humanidade na religião cristã.A nossa Religião-e é este um dos motivos da sua gloria e da sua vitoria-é a unica religião com humanidade (ia a dizer a unica doutrina),sem deixar,evidentemente e noutra campo e aspecto a sobrenaturalidade.Os sistemas cartesianos,kantianos e tantos outros faliram e já mais se podem seriamente empregar neste mundo,porque não contêm humanidade:São sistemas angelistas em que o homem se vem a achar estranho caso tiver coragem de aí entrar.Quando por exemplo,os estoicos pregaram (e Kant retomou a pregação)que a virtude não deve ser premiada como dizem os cristãos que Deus faz,o proprio Epicteto rogava moribundo,aos seus amigos que lhe dêssem um estoico perfeito,praticante da virtude em si sem cubiça de premio. E repetia:"não negueis isto a quem vai morrer!"

Fundação Cuidar o Futuro

Não podia ser:ao estoicismo faltava humanidade;era uma teoria inexequível para quem fora formulada em horas de erotismo quimerico.A desumanidade é nos sistemas filosoficos e doutrinarios a propria árrracionalidade.

A causa por que Diógenes não encontrou um hómem,di-la Chesterton e foi porque o velho cinico ia procurar deusas entre homens e desprezava as virtudes que existem no coração dum ladrão ou de um assassino.Quando Cristo incarnou,humanisou a Sua Doutrina e quando mais tarde disse que vinha ao pecador,definiu-a.A humanidade é a viabilidade da religião e semelhantemente é também como sua categoria numénica que é-quem possibilita a cultivação ou posse da cultura e quem a caracteriza.Quando nós dizemos,por exemplo,que nos interessa conhecer-ainda que para mera formação geral-a historia epitomica dos povos civilizados,automaticamente reconhecemos aí uma determinada humanidade que ainda além de nos cativar e mover interesse,nos torna possivel esse conhecimento.E quem fala em historia,também fala em coisas bem diferentes,como a leitura dum poema célebre ou o estudo da plantação de qualquer árvore. O hómem,se lhe fosse dado var de alto e sem nela se internar a extensão de universalidade do saber,certamente desistiria e fugiria de qualquer tentativa se algo de humano o não atraísse e o prendesse a esse saber inculto.

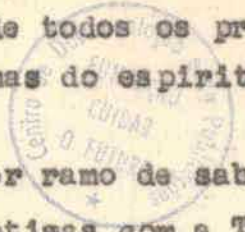


Mas este caracter de humanidade não é só um imã ou um atrativo ao homem para se debruçar sobre a cultura e a enshorear; nem é o transporte do mundo externo onde haja manifestações de cultura latente para o hómem, semelhante ao trabalho e posição da identidade espiritual da abstracção do objecto exterior e sentido com a espiritualidade da nossa mente cognitiva no trabalho da intelecção; nem é mero premio que ela dá ao investigador, prêmio consistente numa intensa vida espiritual em ambiente de conforto fisico. É ainda e mais que tudo um "sentido" que a propria cultura tem e com que se caracteriza, define e eleva.

Assim, para exemplificar, a humanidade da medicina - que é cultura - não se condiciona na bagagem ou capacidade tecnica para a cura comezinha dum corpo enfermo, mas sim procura que, por esta cura, vá o homem realizar um destino mais alto - o seu destino. Por isso dizia, com justeza, Roustain que "o saber é condição necessaria da cultura mas não é condição suficiente". O objectivo da medicina não se estanca pois num abrupto consumir exigencias primeiras. Concatena-se com algo mais. Ela existe para algo mais. O direito não se satisfaz na estatuição duma rigida norma positiva, mas naturaliza-se, ou melhor, sobrenaturaliza-se e eleva-se até à equidade e ainda até a preocupação de ~~capacitar~~ ^{capacitar} o individuo juridico e social a realizar as suas mais altas obrigações. O direito como a medicina (e isto são exemplos) transcendem-se e apesar de se transcenderem, apenas servem de simples meio. Porém nessa categoria de "instrumentos" vão cooperar grandemente para a formação do homem integral, para a valorização do mesmo homem e para a realização nele da sua mesma definição como "ser com um fim eterno". Leonel Franca diz que é o humanismo que dá à civilização a sua unidade orgânica, e poder-se-a acrescentar que é a humanidade que formando como elemento essencial a cultura lhe dá realidade e viabilidade.

Toda a cultura quante elevada do maximo de humanidade vai desaguar nesta realidade: Deus. Quanto mais o homem é homem, mais sensível é a presença de Deus. Já Berdiaeff dizia: onde não há Deus, não há hómem. E foi esta a razão de, ^{as} ~~as~~ egoltras pretendem criar o super-homem ateu, só lograrem ^{ditas} ~~en~~ formar o infra-hómem ou o não-hómem. O fim do hómem é Deus. E como é lógico conhecer-se pela cultura o hómem, estancando a meio o progresso ou o evoluir logico da cultura para se não ir ter com Deus, ou então fechar os olhos à cerca do fim do hómem e da sua essência para se poder dizer a modos agnósticos que Deus é incompreensível? Otto Bollnow diz que "na esfera existencialista logo nos é dado com a 'existencia' na mesma indivisível vivencia a 'transcendencia' ". Esta transcendencia é, evidentemente, as asas a voar até Deus. É por isso que assim se exprime Sertillanges em "As grandes teses da filosofia tomista":

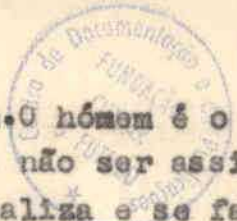
"o problema de Deus não é outra coisa senão o problema do mundo e da vida". A correlação é íntima e inseparável. Por isso é que o estudo de Deus-a Teologia-é, nos domínios da cultura, o seu mais alto grau pela necessidade de se conhecer o fim do homem e a transitoriedade e instrumentalidade de todas as coisas, e é também a sua mais profunda virtude pela necessidade, pelo menor lógica, de se conhecer a Causa de tantos efeitos que nos estão cercando em todos os momentos e em todos os lugares. Imprescindível, pela sua grandeza, a função da Teologia; a Teologia é o princípio e o fim da toda a cultura, o α e o ω . Podemos até construir esta equivalência: Como Deus é a chave de todos os problemas da vida humana a Teologia é a chave de todos os problemas do espírito humano.



Daqui se deduz facilmente que a capacidade cultural de qualquer ramo de saber deve ser medida e aferida pelas suas relações mais ou menos íntimas com a Teologia, porque só assim é que se pode determinar convenientemente o seu grau de humanidade e de universalidade. Mais outra função da Teologia! a de pedra de toque para avaliação e determinação dos outros graus de cultura! E tudo isto se compreende se atendermos ao objectivo de cada um deles. Ninguém com juízo pode ter a veleidade de conhecer o livro sem conhecer o autor, de conhecer a lampada sem conhecer a electricidade, de conhecer o mundo e o homem sem conhecer Deus. Tudo que assim se faz é fazer por falta de princípios, insegurança de bases, desconhecimentos de fins, ignorancia de essências!

Fundação Cuidar o Futuro

Mas que necessidade há de se conhecer o mundo ou ainda mesmo o homem-"hypokeimemon" de toda a actividade cultural? É uma pergunta exusada, porque a resposta é anívoca de qualquer campo doutrinario. Ninguém contesta que este outro interesse, humano em alto grau porque pertinente ao problema do seu âmago, da sua razão de ser, da sua ontologia, "Kernfrage" como diria Heidegger, é o problema do homem em si mesmo. Desvela-o e estuda-o a filosofia residindo aqui precisamente uma das suas grandezas; mas onde está o seu caracter de imortalidade e mais essencial é na parte teologica-cume e fastigio da filosofia. Porque a filosofia extra-teologica tem os seus problemas, o seu caracter medieto, que vai encontrar a chave e a firmeza na Teologia: aqui se completa, se aprofunda e se certifica. Parece confuso, contraditorio, talvez mesmo antinomico. Não será contra a definição, não será uma violação de fronteiras, estudar o homem, no estudo de Deus? Não. A psicologia racional, por exemplo, estuda no homem a espiritualidade e a imortalidade da alma, a moral a suas manifestações, a estetica a sua beleza e a das suas criações..., mas o que é o homem? Todas são concordes em que o homem é um producto, um efeito. Qual a causa criadora? O homem é criatura de Deus e vive para Deus. Mas o que pe Deus? É que precisa



mente o problema de Deus é também o grande problema do homem. O homem é o fumo, Deus o fogo, e não se pode compreender o fumo sem o fogo. A não ser assim, vamos cair no existencialismo grosseiro em que o homem se realiza e se faz até na sua essência por si mesmo, e por si mesmo toma o privilegio de ser ser histórico. É para que um existencialista não diga que esta frase é atitude de indisposição preconcebida e apriorística contra ele-ou as suas ideias- fique sabendo que, sem sair da sua doutrina e considerando então a cultura como uma extensão do homem e também-vá-essência humana (Existenz com com-e-mundo, Existenz und Dasein como diria Heidegger) pode elevar-se até o Transcendente que Karl Jaspers contrapõe à "angustia"-Angst-heidegger-kirkengardiana, ou, empregando os termos próprios-a DEUS, que no dizer do existencialista Berdiaeff, sendo o Destino do homem, só estudando-O pode este conhecer-se essencialmente. É um método existencialista de mostrar aos existencialistas a necessidade e a alta função dos estudos teológicos, para a compreensão do que Sartre queria que fosse o privilegiado ser de existência-pré-essência: o pobre ser humano! Mas retomando o fio: Aquelas lucubrações que a restante filosofia revelava e que pareciam ser já as sondas do mais íntimo quiddas do homem, que pareciam ser já as emanções mais numéricas e mais características do homem, não o são afinal, ou não são elas tudo. Temos de nos voltar para Deus. O estudo da Teologia é o que, estudando Deus, melhor revela o homem. Guerra por acaso, os ateus ou os agnósticos cultura mais profunda e de maior e de mais alta função, digo somente para a compreensão de si mesmos, do que portanto a Teologia? A Teologia é de todos os estudos o que melhor revela o homem e que melhor revela o ser. "É em Deus, escreve Boutroux, e nele só que se encontra na sua realidade e plenitude, O Ser, O Movimento e a Vida"-o homem e todo o Cosmos: Toda a matéria e sujeito da cultura. O estudo do autor é, na regra o que melhor e mais intimamente revela a natureza e a finalidade das suas obras. A filosofia não Teologia poderá debruçar-se observadoramente sobre o homem-e já não falo agora em psicologias empíricas e semelhantes-, pode estudar na casuística e na moral as diferentes manifestações da sua consciência, na teleologia a sua direcção, na genesiologia a sua proveniência, mas tudo se vai em última instância resumir numa solução: quid hominis. E não podemos ficar aqui. Não nos podemos contentar com saber qual a direcção do homem, mas mais ainda qual a sua finalidade, a natureza dessa finalidade e o Autor e Impositor dessa finalidade; não nos podemos resumir em conhecer a proveniência- e "proveniência" é a direcção donde se vem-temos de conhecer o Princípio. "Quid homo" é questão teológica por mais paradoxal que tal pareça. Peter Wast-cuja filosofia desmente o nome-torna proporcional (e por isso intimamente relacionado) no momento contemporâneo, a demolição (Zerstoerung) da ideia de Deus na Teologia com a da

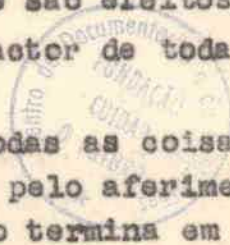
Fundação Cuida do Futuro

essência do homem na Antropologia. E quem fala do homem, fala do Cosmos que proclama as glórias do Senhor, ou, como diz o Salmista "numerat multitudinem stellarum et omnibus eis nomina vocat".

Por outro caminho novamente chegamos á excelencia e primazia da Teologia. Não perfilho-e é preciso notar isto-a opinião de Wilhelm Sauer, para quem na cultura é um valor absoluto e ipso facto um fim da existencia. Mas até a Teologia-que estuda o Absoluto para a compreensão do Qual tendemos-é necessaria para desfazer estas duvidas e mostrar a necessidade do filosofo alemão. Contudo, na síntese cultural, a Teologia-vimo-lo-ocupa pelas suas funções materiais e formaís um alto grau por direito proprio e por requerimento de todos os otros graus da escala. Ela completa a síntese e de certa maneira compreende-a toda: trabalho duplo cuja consumação é a intelecção de Deus para o conhecimento mais profundo de todo e cada ramo da cultura, de todas as materias e caminhos de que estes se servem no seu progresso e que são efeitos de uma Causa sine causa, para o conhecimento do homem-sujeito e actor de toda a cultura.

Vale incontestavelmente muito estudar o fim e principio de todas as coisas, apresentar com a ontologia a sua razão de ser, normaliza-las pelo aferimento á sua finalidade íntima e mais alta, mas todo este trabalho termina em Deus, porque O exige logicamente. E o que é Deus? Quais as atitudes e manifestações de este Deus? Qual a sua historia? Que relações tem com a humanidade? A Metafisica-que já de si é Protofilosofia-considerada só no campo da ontologia-o estudo do ser-e da psicologia racional-o estudo do ser humano, seja ele gnoseologia, moral, logica, estetica-, é um simples meio que reclama insistentemente um Ser ^{Supremo} ~~Supremo~~. Atinge-então e assim-o grande Alfa e Omega, mas não O historia e menos ainda O compreende-no verdadeiro significado de "compreender" que tanto irritava Hume, Stuart Mill, e Hamilton. É a teologia que vai compreender este Escopo, causa summa e fim sumo de tudo o que é bom, belo, justo e verdadeiro, pilares em que precisamente se escoram todos os ramos da cultura humana, desde o mais relígiioso ao mais aparentemente ateu. Magnificamente disse Pio XII falando com grandes intelectualidades científicas internacionais: "O homem, pela escala do universo, sóbe até Deus, o astrónomo ao chegar ao céu escabelo do trono de Deus não pode ser incredulo á voz do firmamento...pode o homem ascender até Deus pela mesma via que descendem as coisas". Em summa, Deus é uma realidade que tem de ser estudada por exigencia logica e de toda a cultura-para não falar já na exigencia psiquica. Facto liberto de condicionalismos e de visões personalistas exáge-se e tem por sua vez as suas exigencias. Ora o estudo desta Realidade-e portanto

Fundação Cuidar o Futuro



-ou, segundo a precisão austeriana: dubo o que é ser, verdade e bondade -

com as mesmas exigencias-é a Teologia.

Pudemos assim, subir até a consideração da magnitude e necessidade da Teologia por um metodo ontologico e teleologico.

Como pudemos reconhecer o grau elevado da Metafisica por trez abstrações em cadeia que nos façam passar da abstração da qualidade e abstração do numero pela fisica e pela matematica, assim tambem, semelhantemente podemos reconhecer o cume da Metafisica-a Teologia racional-por uma dedução esca-tologica das questões: Que é o autor da cultura? Que é o Autor deste autor mediato? É nos limites tão facilmente expressiveis desta problematica que se encerra epitomicamente a função da Teologia na sintese cultural. Daqui se ilaem todos os corolarios que provam ser ela a pedra de toque de toda a cultura, a sua cupula, o seu principio-porque estuda o Autor necessario e logico de todos os seus objectos instrumentais a que Leonel Franca chama "estimulos", o utente destes para a consecução do escopo que ele mesmo faz e propõe, mas sempre-queira ou não queira-em referencia a esse Ser Supremo.

O conhecimento de Deus é o supra-sumum de toda a actividade cultural (que alguém definiu precisamente "itinerarium mentis in Deum") Como o estudo do hómem é o supra-sumo das ciencias cosmicas-estudo que, sendo mediato, conduz aqúele após, como se disse, se dissecar o hómem até ao mais intimo fenomenista husserliano em expriências e lucubrações ontologicas que abrem caminho para um fim: Deus!

Fundação Cuidar o Futuro

E não é outro pensamento de Pio XII, quando falando na abertura do IV curso da Academia Pontificia de ciencias em 1939, disse: "...o hómem...começando pelas coisas inferiores gradualmente alcança o conhecimento de Deus, causa primeira sempre mais nobre que qualquer efeito Seu". Nesta frase acha-se representada a finalidade de toda a cultura-esse subir gradual-a sua hierarquia-essa ordenação gradual-, a necessidade desta graduação e a soberania da Teologia. É que Deus é, no diz_er do I livro dos Reis "sentiarum dominus" e, na expressão do Poeta-Rei (ps. XCIII) "docet hominum scientiam".

No mesmo discurso, Sua Santidade aponta os dois grandes livros de estudo: o universo para, por este efeito, se chegar racionalmente á sua Causa-e que é a Teologia natural ou teodiseia-a Biblia para por este Livro, se chegar a conhecer com fé, a verdade do Revelador "in quo sunt omnes thesauri sapientiae et scientiae absconditi (Coloss. II, 3), diz S. Paulo-e assim nos encontramos perante a Teologia revelada, que já nem é filosofia. Deus é, empregando a linguagem de Willmann, "die Richtung der Kulturbestrebungen"-a direcção das tendencias ansiosas da cultura. Daqui, pelo menos,

a imprescindibilidade da Teologia.

Surge agora uma dificuldade que impõe um auditorio universã e por isso- como já se disse-heterogeneo;ou talvez mais na realidade:Uma dificuldade que levantaria aquele "ser-de-razão" ao principio idealizado (visto que praticamente não deve existir alguém sem o conceito de Deus) para quem ainda não esteja inscrita a noção do Ser Supremo e que seja incapaz de a encontrar partindo da realidade sensível.

Logo a principio frisámos bem o caracter imprescindível de humanidade a haver na cultura.Frisámo-lo e demonstrámo-lo.Pois bem:visto que o estudo da Teologia é,por exigencias da mais vulgar logica,o estudo que melhor revela o hómematé na sua essencia-pelo seu principio,sua finalidade e sua razão ontologica em relação com o seu Autor-,assim cabe-lhe-a grande função de se debruçar sobre o que determina nos outros ramos de cultura a sua categoria essencial de humanidade.

Foi precisamente por essa humanidade,a cultura-não deixando o caracter universalista-tem tambem um caracter pessoal.A cultura é um mundo,o qual sem deixar um caracter imensamente expansivo e laço,também existe e se realiza num minuscuro micro-cosmos.E no hóem a cultura dirige-se precisa e exclusivamente "ao aperfeiçoamento pessoal,cujo objecto intellectual é a verdade e cujo objecto ético é o bem".Mas estas duas metas não estão no hómem ou se o estão é em pequenas parcelas finitas e reflexas do Bem e Verdade infinitos coincidentes num só ponto,fora do hómem,que é Deus.

A cultura marcha(é um "fieri" ou um "werden")para Deus.Assim,a Teologia racional é o caminho propicio para Ele e que marcha na vanguarda deste exercito ordenado,mas não O atingiria-ou se o atinge não o compreenderá-se não fosse-digamos-a aproximação voluntaria dessa Meta transcendente e divina,por intermedio da Revelação.E aqui temos então uma outra parte da Teologia,que não é propriamente cultura porque não é humana,nem fruto da especulação filosofica,mas que tenha ^{deu} grande função de fazer com que a cultura realize os seus fins.A teodis^{ta} ou Teologia natural é como que o emissario mais apto do saber humano,para receber o emissario divino:A Teologia sobrenatural.Nesta união(a da Revelação misericordiosissima do Senhor com os golpes racionais que o hómem precipita no incognito a desbravar o caminho de bruma que se dirigia a Deus mas não O atingiria plenamente)se pode dizer que está um novo Belém!

É precisamente por isto que achei mais pratico apresentar primeiro a parte humana da Teologia,e só depois a parte divina,porque para termos fé no que Deus revela é preciso primeiro saber humanamente quem é Deus-trabalho monstruoso,por impossivel,para os agnosticos.E na parte humana procurei demons-

traz a grandeza e a função do estudo de Deus pela necessidade e cooperação deste para o estudo perfeito das coisas e do homem. É este o caminho mais próprio para quem tem horror aos apriorismos ou para quem não sente em si a vivência de Deus. É por isto digo que a cultura pode não achar-se em quem tem mais vasto e profundo saber, mas em quem conhece melhor - e agora isto já é para todos obvio e racional - a Meta Suprema da cultura e que, portanto, pode dizer como Santo Anselmo em carta escrita ao Bispo Fulcô: "... neque enim quaero intelligere ut credam, sed credo ut intelligam" - ordenação admirável do valor das coisas, porque afinal, "a axiologia é em ultima análise, na frase de Lotze, uma forma eufemistica da Teologia". Mas chegada a situação a este ponto vemos que se revelam outras funções da Teologia e se alargam até os problemas.

Se se não pode tirar á cultura o seu caracter de humanidade, temos de a relacionar sempre nos seus aspectos variados com o homem e as manifestações deste. Foi mesmo pela necessidade de este se conhecer plenamente que chegámos até Deus, e então o elevamento da antropologia pela transmutação em Teologia. Mas isto quanto á essencia humana; quanto á sua conduta novos horizontes se rasgam, mais problemas se multiplicam, mais insistentemente se chama a Teologia para cumprimento de mais outras funções: é o resultado daquela outra parte da Teologia - a Teologia superior, sobrenatural ou revelada. "A conduta humana... está também regulada - escreveu Don Antonio Truyol y Serra muito illustre Mestre da minha Faculdade - pelos mandamentos divinos comunicados ao homem pela Revelação, que abrange o campo religioso e moral e ainda uma esfera juridica constitutiva do direito divino positivo".

Aqui está, meus senhores, uma outra actividade e função da Teologia, que, refletida sobre a cultura dirige e regula imprescindivel e superiormente a Ética e o Direito - ponto em que me é agradável insistir pela minha qualidade de estudante, ainda que primeiranista, do curso juridico. Ora, neste campo a negação da Teologia revelada e a resistencia á função cultural da Fé e dos principios revelados, desobrenaturaliza todo o direito, torna-o efémero, sendo, com esta permissa, logica unicamente a adesão ao nihilismo, de Kirshmann, oblitera-lha pela negação do jusnaturalismo o escopo e as leis eternas, supremas, por onde se ha-de aferir sempre e em qualquer ponto a lei do homem. A ordem do ser e do dever ser embora, como disse Steinbuechel não constitua problema para a Teologia catolica, torna-se inevitavelmente mera convenção ou pragmatica quando não regulada pelos principios não sequer filosoficos mas sobrenaturais que dinamam da Lei de Deus, da Sua Palavra revelada e dos Seus Dogmas.



E não podemos dizer que a revelação e a fé veem, com um seu caracter imperioso, dogmatico, indiscutivel, arracionalizar toda a nossa cultura. Não a irracionaliza quem a realiza ou faz com que ela atinga - como já demonstramos - os seus fins supremos. Nem irracionaliza o que é axiomático - ou pela natureza da propria revelação ou pela do Revelador. Alias, "as verdades religiosas quando foram reveladas - diz Froeschammer - não eram racionais, mas foram reveladas para se tornarem racionais".

Toda a religião, como toda a cultura, anseia por ser revelada, não querendo eu com isto tornar-me apologista do fideísmo, mas querendo significar que a Teologia revelada constitui o mais profundo estudo do Autor do sujeito da cultura e de todos os objectos materiais desta, e que a Teologia natural constitui para a cultura o seu grau maximo.

O que se situa neste nível que é para a cultura ao mesmo tempo cupula e base-base que a escora, cupula que a resume e a termina - não é de admirar que tenha funções tão capitais na sua sintese.

Só é pena-pena e perigo - que Portugal não possua ainda para completção da cultura e para continuidade da tradição, a Faculdade de Teologia que tão violentamente arrebatada. E dela ficamos á espera; mas uma espera crente, confiada, tão cheio o coração de certezas quanto inflamado de desejos. Dificuldades? Há-as e ninguém as nega. Nelas falou há pouco tempo, na semana social de Braga, Sua Excm^{ta} e Seren^{ss}ima D^{na} D^{ta} D^{ta} Fonseca. Mas desde há vinte e cinco anos nos fomos habituando a ver vencidas todas as dificuldades quando cumpre serem vencidas. Por isso se fala e por isso se confia.

E para terminar num grande e incisivo resumo parodiarei aquele versiculo XXVI do capitulo XVI de São Mateus - que vale ao homem ganhar o mundo se vier a perder a sua alma? - interpretando-o a outra luz também verdadeira: Que vala ao nosso espirito penetrar e senhorear todas as questões cósmicas, se não conhecer Deus?

Para ambas as perguntas só uma é a resposta: Nada!



FIM

António Augusto Gonçalves Lopes de Sousa



Apesar de francamente sintetizado — a ponto de se tornar incompleto, se é que a síntese e a incompleição se encontram no mesmo plano podendo uma justificar ou testemunhar a outra... — este trabalho excede os severos limites que a Comissão Executiva impôs.

Vieira não pode abreviar uma carta: já fez mais que Vieira pois que abreviei uma fundação. Não se abreviava, então não quer dizer — e não deve originar — mutilação.

Tenho para mim que é o espaço que se deve sacrificar à perfeição e não a perfeição ao espaço. Quando a exiguidade ou estreiteza do espaço obriga a ser-se imperfeito, melhor é dispensá-lo, negando-se ao trabalho.

Aliás, vai solhejavamente explicitado na própria comunicação — e nem isto se deve



cortar porque cometi uma explicação de
 razão do que se segue — que o desenvolvimento
 do de deca não é — porque não deve ser —
 apenas destinado a católicos. Neste caso, re-
 duziria eu o trabalho não a 8 folhas mas
 a uma página (como vai demonstrado).

Que o Congresso não se limite a levantar
 problemas — que só logram aumentar as con-
 fusões entre nós, e ridículo entre aqueles que não
 são "nós" — mas que os procure depois resolver si-
 ricamente dentro — evidente e naturalmente — dos
 limites da razoável e do possível.

Mas creio que o limite formalista — feito ue-
 nos no meu tempo — das 8 folhas, não é razoável,
 quando muito porque só dá tempo ou espaço a levan-
 tar problemas.

Não é verdade que ele mesmo como vai tratado,
 está já muito imperfeito?

Aliás, porque se não abre uma excepção. É
 necessária e racional.

"Perfectum" é "feito até ao fim". E ao tra-
 balho (que já não vai feito até ao fim) não se

obrigue cortar seguir esse princípio...

Respeitramento

M. Linhares de Távora
Fundação Cuidar o Futuro

